

## Levar a ancestralidade afrocentrada de seus poemas aos leitores

Ludmila Tavares Oliveira \*

**ORCID iD** <https://orcid.org/0009-0008-6978-8947>

### RESUMO

Ludmila Oliveira é uma mulher negra que através da escrita sensível busca levar a ancestralidade afrocentrada de seus poemas aos leitores. Cada poema representa a história, troca de afeto e individualidade negra. Seu compromisso com a escrita em si é transformadora, tudo isso cumpre uma finalidade específica, dar ao povo negro as rédeas das suas próprias vivências. Já tivemos nossas histórias contadas pela visão da branquitude, agora queremos pegar nosso protagonismo.

### PALAVRAS-CHAVE

Continuação; Matrilinear; Nilo; Njinga; Bertoleza

## CONTINUAÇÃO

Sou a voz das minhas mais velhas.  
A voz que ecoa liberdade e aqui  
se faz presente. Sou a materialidade da resistência  
forçada pela vivência trazida pela sobrevivência.

Sou fruto da consciência viva que permite  
que minhas raízes atravessem o solo do seu  
subconsciente. Sou a continuação da história contada  
por aqueles que refletem o passado, presente  
e futuro. Mais que ser eu sou!

Sou filha da Mônica, neta de Maria e  
bisneta de Olzidia. Mulheres além de seu tempo  
e inimigas do fim. Da autoafirmação  
de ser, coloco - me de pé diante de qualquer desafio.

Refazendo os meus passos planejados  
por aqueles que olham por mim.  
Por isso, não ando só!

---

\* Acadêmica do Curso de Direito. Faculdade Católica de Anápolis (GO). E-mail:  
[Ludmyllaoliveira.8676@gmail.com](mailto:Ludmyllaoliveira.8676@gmail.com)

## MATRILINEAR

Semei sementes sobre o solo fértil  
da minha terra. A cada gota de água derramada  
no solo, plantei ali meu exílio mais íntimo.

O sangue do meu povo.  
Raízes vitais que me colocam de pé.

Ó minha Sabá, matriarca que comporta  
toda a grandeza de mulheres que  
vieram antes de mim. Envolve - me no  
seu saber de luta e permeia  
em mim suas conquistas.

Assim como a veia que bombeia  
sangue para o coração, sua corrente  
vital é matrilinear, como uma flor de  
mandacaru que não deixa de desabrochar  
mesmo com o calor do sertão.

## NILO

No cuidado singelo que tenho comigo,  
resgato afirmações diárias sobre mim.  
Isso permite que incertezas e aflições  
depositadas por outros não  
respingue na minha pele.

Me banho no rio Nilo na tentativa de encontrar  
a essência roubada de mim. Na procura constante  
de reconhecer o passado e me aliar ao  
futuro, sem abandonar meu ser.

Núbio escorrendo pelo meu corpo.  
Olha meu ar, sou tão "exótica".  
Quanto mais escura minha pele, mais sagrado  
é o meu corpo. Quanto mais profundas  
as feridas, mais resistentes  
são minhas raízes. Estou mergulhando  
no Nilo, em forte negação.



## SOY LA VOZ DE MIS MAYORES

Soy la voz de mis mayores  
La voz que resuena con la libertad y está presente aquí. Soy la materialidad  
de la resistencia,  
forzada por la experiencia de la supervivencia.  
Soy el fruto de la consciencia viva que permite  
que mis raíces penetren en el subconsciente. Soy la continuación de la  
historia contada  
por quienes reflejan el pasado, el presente  
y el futuro. ¡Soy más que un ser!  
Soy hija de Mónica, nieta de María y  
bisnieta de Olzidia. Mujeres adelantadas a su tiempo  
y enemigas del fin. Desde la autoafirmación  
del ser, me levanto ante cualquier desafío.  
Recorriendo mis pasos, planeados  
por quienes me cuidan.  
¡Por eso no camino sola!

## NJINGA

Rainha mãe Njinga, seu chamado  
eco a liberdade e perseverança.  
No berço de Ndongo nasce uma flor  
em meio a tanta dor. Sua luta perpetua  
a esperança de um povo.

No traçar da linha vital sua trajetória  
se iniciou, caminhos fechados foram  
abertos de maneira sublime e direcionados  
a Ogum. Machados cerrados para cima sinalizam  
a batalha travada por Xangô, trazendo  
saudações para a nossa rainha.  
Njinga, seu legado ancestral  
permanece atemporal.

Aqui vai mais um grito de vitória, pois uma  
rainha não foge da luta! Trago minhas  
tropas que representam a ânsia de  
um povo que vibra por liberdade.  
Faço parte de um povo que  
é o berço da humanidade.

Coloco - me de pé para combater o  
temor lançado contra os meus. Visto – me  
com minha armadura e empunho a espada  
de Jorge para confrontar aqueles que  
fizeram do meu país  
colônia de extração.

## BERTOLEZA

Na imensidão de pessoas amontoadas como  
em um formigueiro, vivia assim uma escrava cansada  
de ser explorada, abusada e humilhada. Quisera sua dignidade  
restaurada e suas correntes quebradas!

Quitandeira de mão cheia que sonhava  
em ter sua liberdade, apesar de ser uma escrava liberta.  
Juntava vintém, por vintém para um dia voar  
livre, como um pássaro que não precisava  
viver mais em uma gaiola.

João Romão fazendo – se de bom moço deu de bom  
grado sua liberdade assinada à mão. Coitada!!  
Bertoleza, tomada pela emoção nem sabia que aquele  
pedaço de papel era pura enganação.

Tudo muito instável. Um dia escravidão.  
Outro dia abolição da escravatura, e no outro  
o abismo entre a falta de opção do  
escravo "livre" sem condição.

Alvo fácil da falta de caráter  
de João Romão ou qualquer aristocrata  
metido a rico. A vida continua  
e o ciclo é sempre o mesmo.  
Exploração, capital e mais exploração,  
tudo à moda aristocrata.  
Assim permanece o cortiço, lotado como  
um formigueiro em construção.  
Queria antes te dar um final  
feliz Bertoleza, porém  
não há final feliz. Te encontro  
entre a cruz e a espada. Sabia que  
assim como Dandara você preferiria à morte a ser  
enganada, explorada e aprisionada.

**Foto:** A poetisa Ludmila Oliveira



**Fonte:** Arquivo pessoal da autora

Recebido em: 23/02/2025

Aceito em: 24/06/2025

**Para citar este texto (ABNT):** OLIVEIRA, Ludmila Tavares. Levar a ancestralidade afrocentrada de seus poemas aos leitores. *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*. São Francisco do Conde (BA), vol.5, nº 2, p. 359-364, jul./dez.2025.

**Para citar este texto (APA):** Oliveira, Ludmila Tavares (jul./dez.2025). Levar a ancestralidade afrocentrada de seus poemas aos leitores. *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*. São Francisco do Conde (BA), 5 (2): 359-364.